



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## A ÉTICA COMO FUNDAMENTO PARA EDUCAÇÃO

Cleiton Santos Nunes\*  
(UESB)

Jorge Miranda de Almeida\*\*  
(UESB)

### RESUMO

Este artigo é fruto dos estudos realizados através do grupo de pesquisa Ética e Educação em Kierkegaard e Paulo Freire, que discute educação em perspectiva transgressora e libertadora. No primeiro momento apresentamos uma discursão sobre a ética enquanto pedra angular de um processo educacional que possibilite a humanização dos indivíduos. No segundo momento estabelecemos uma relação entre ética, subjetividade e educação. Finalizamos propondo um repensar sobre o processo educacional e sua finalidade ética e libertadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética. Humanização. Educação.

### INTRODUÇÃO

Muito tem se escrito sobre ética e educação no Brasil. Anualmente dezenas de congressos, seminários e simpósios são realizados com o objetivo de discutir ética e educação em inúmeras perspectivas. No entanto, a ética e a educação estão em dois polos antagônicos quando analisados na atual realidade sócio-econômica-cultural brasileira. No interior deste contexto e de tantas contradições no campo ético-educacional, o que ainda é possível discutir sobre a relação educação e ética

---

\* Graduando de Pedagogia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Membro do Grupo de pesquisa: Ética e Educação em Kierkegaard e Paulo Freire E-mail: ns\_zeus@hotmail.com.

\*\* Prof. Dr. Vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Coordenador do grupo de pesquisa: Ética e Educação em Kierkegaard e Paulo Freire E-mail: mirandajma@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

que ainda não foi escrito, dito, refletido? Como distinguir a intencionalidade da ideologia, ou a intencionalidade de teorias discursivas sobre educação e a ética da prática educativa e da prática ética? Como transgredir a uma concepção dominante de uma educação com pretensões científicas que mantém o indivíduo numa semi-ignorância do analfabetismo funcional e descomprometida com as questões sócio-econômico-políticas? Se o existir do ser humano é a prática enquanto concretização da possibilidade de ser em realidade humana, qual é o lugar da educação nesse processo?

A educação como concebem Kierkegaard e Paulo Freire é o caminho que o homem percorre do estar vivo como um animal ou um vegetal ao tornar-se existente; metamorfose que acontece no interior da ética. Essa metamorfose ao mesmo tempo edifica a relação existencial que o indivíduo singular estabelece *em e com* o mundo, porque “o domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores – domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade” (FREIRE, 1981, p. 53). Kierkegaard concebe o homem como fruto da relação que ele estabelece consigo mesmo, com o outro e com a comunidade no interior das contradições entre temporalidade e eternidade, finitude e infinitude, necessidade e liberdade.

Nesse sentido, Kierkegaard caminha na mesma direção de Freire, a saber: o homem é um ser indeterminado, é um projeto. Em *Pedagogia da Indignação*, Freire estabelece esse nexos indissociável entre educação, projeto e ética, ao estabelecer que “a educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isso ou aquilo, porque os seres humanos são tão *projetos* quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem” (FREIRE, 2000, p. 40). Se é em meio a dialética tensionada da necessidade e liberdade que o homem constrói a si mesmo, qual é a tarefa da educação nesse processo? Por quê a educação brasileira em suas várias vertentes, com raríssimas exceções, segundo Freire (2005) permanece alheia à



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

experiência existencial dos educandos? Por que a ética não é internalizada como prática pedagógico-educativa?

Pensar educação em Kierkegaard e Freire é pensar uma prática educativa que humanize as pessoas. Uma educação que seja edificante e transgressora fornecendo ao indivíduo a condição para a efetivação de sua singularidade enquanto subjetividade e conseqüentemente a construção do *ser mais* ou do *ser ético*.

Esse texto retoma a reflexão inicial da introdução do livro Educação e ética em Kierkegaard e Paulo Freire, de autoria de Jorge Miranda de Almeida, co-autor nesse artigo e, essa experiência também pode ser utilizada como referência a partir do trabalho com Kierkegaard e Paulo Freire, para exemplificar o que se entende por uma educação transgressora em que discípulo e mestre comungam do compromisso da edificação e da coerência com a construção coletiva do saber.

#### Reflexões sobre Ética e Educação

A educação ética enquanto fundamento para a existência em Kierkegaard e Paulo Freire pode ser entendido como ação para a construção da singularidade e para a liberdade da consciência ainda cativa do anonimato. Freire em Pedagogia da Autonomia evidencia a relação entre ética e educação, asseverando que “[...] não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Esta longe, ou pior, fora da ética entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão” (FREIRE, 2008. p. 16). Esta ética, obviamente, não da ética mercadológica, mas da ética universal do ser humano, em razão da necessária transformação da sociedade promovendo a superação das injustiças que desumanizam os indivíduos cotidianamente.

As teorias e legislações com teor ético não foram capazes de construir pessoas e sociedades mais éticas, dessa forma dentro da lei ética não foi possível concretizar a própria ética. Nesse sentido tanto Kierkegaard quanto Freire evidencia a ética como uma exigência a construção da subjetividade nos indivíduos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

que em nossos dias torna-se um assunto de extrema relevância para o ato de estar no mundo. Entender a subjetividade enquanto ética é permitir as pessoas o movimento de tornar-se humano. A compreensão da Ética-segunda de Kierkegaard ou do Ser mais de Freire só adquire significado em meio à compreensão de que o ser humano não é um ser acabado, por isso dentro do seu inacabamento e na capacidade que tem de optar, transformar e responsabilizar-se pelo mundo que esta a sua volta é que a subjetividade enquanto ética é possível.

Kierkegaard desenvolve as principais categorias que vem a ser denominada de ética da alteridade, ou segunda ética e que se contrapõe a ética do mercado. O filósofo dinamarquês concebe a segunda ética estruturada na interioridade do Indivíduo enquanto singularidade capaz de humanizar as estruturas sociais, posicionando-se de forma crítica e revolucionária para combater a ordem dominante. A segunda ética não está enclausurada nos indivíduos misturados à multidão, mas na decisão singular de cada Indivíduo em responsabilizar-se pela sua transformação bem como da própria estrutura que o oprime. Dessa forma não é possível deixar a responsabilidade da ética para todo mundo, porque todo mundo é ninguém, é nesse sentido que a decisão de constituir-se enquanto ética verdadeira tem que ser feita em primeira pessoa.

E como afirma Almeida:

A ética é uma ação que compete primeiramente à dignidade do existir, ela é uma tarefa que é oferecida incondicionalmente a cada indivíduo singular. Por isto o esforço de Kierkegaard em demonstrar que a ética não cabe em nenhum saber, mas em uma potência que existe em cada Indivíduo em uma situação concreta. Não é possível formular hipóteses sobre a Ética: ela é o incondicional da existência. É fundamental escolher entre as alternativas e as bifurcações que o ato de existir comporta. (ALMEIDA, 2004. p. 299)

Em nome da efetivação da natureza humana, é que Freire defende a eticização do mundo, através da qual as pessoas possam lutar por justiça, por



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

direitos, por dignidade, por igualdade social e a possibilidade de existir de uma forma verdadeiramente singular. Assim a educação desempenha papel fundamental para estas transformações, na medida em que denuncie as injustiças existentes em nossa sociedade e anuncie ao indivíduo a possibilidade de reação a este mundo bem como a transformação em um mundo mais bonito, ético e humano, que consoante Almeida e Kierkegaard não dependem das estruturas, mas da força com que cada Indivíduo age e em comunhão como testemunha Freire. Estes Indivíduos em ação de libertar-se podem construir grupos de resistência e de ação transformadora como, por exemplo, a educação de jovens e adultos e a educação no campo. Dentro do pensamento ético existencial concebido pelos pensadores aqui relacionados, a concepção de ética enquanto fundamento para a educação e da educação enquanto ética verdadeira se constitui como possibilidade para a edificação de um Indivíduo livre das amarras que prendem sua consciência e negam sua humanidade. Assim educação como prática para a liberdade deve estar baseada na subjetividade enquanto edificação ética de um Indivíduo autenticamente singular e responsável pela humanização de si mesmo e do mundo que o cerca.

O que Almeida amplia a partir do horizonte kierkegaardiano é a compreensão da educação como capaz de conduzir o homem a tornar-se em caráter e esta atitude ou condição está diretamente relacionada com a concepção do intelectual orgânico de Gramsci, pois “o empobrecido não tem condições de se libertar sozinho porque lhe foi inculcido uma cultura de subjugação e de inferioridade [...] o homem de caráter, o filósofo, o intelectual orgânico deve assumir a tarefa de se libertar, libertando o outro. Eis porque Kierkegaard sentencia: pelo meu lado julgaria indigno ter vivido numa época de semelhante desmoralização, sem empreender uma ação decisiva” (ALMEIDA, 2009, p. 34)

A educação enquanto afirmação e aperfeiçoamento da interioridade encontra-se em um âmbito privilegiado da filosofia de kierkegaard. Para o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

pensador dinamarquês somente se concretiza autenticamente na existência quando há um empenho radical para exercitar a luta contra a ilusão de viver na penumbra de figuras alheias e na condição mórbida de ser apenas uma cópia:

A interioridade radical é capaz de superar o anonimato e a fragmentação tão incisiva na sociedade do espetáculo e da aldeia global. É essa a condição para a construção de autêntica individualidade, de personalidade autêntica e única. É no interior desse movimento que é possível analisar a presença da pedagogia kierkegaardiana (ALMEIDA 2007, p.45)

Em kierkegaard a educação se releva como uma ação e um dever de transformação que se afirma como uma tarefa ética. É o ato de educar-se que singulariza o indivíduo e onde este se realiza no âmago de seu eu. Nas migalhas filosóficas o processo de educação se constrói na relação entre mestre e discípulo. O mestre para kierkegaard “é apenas a ocasião para o aprendiz”. Partindo desta concepção o processo de educação não carrega uma prática de ensino hierárquica, pois o mestre não detém o poder de conceder aprendizagem ao aprendiz, se assim fosse, “então não está dando, mas tomando, então não é amigo do outro e muito mesmo seu mestre” (KIERKEGAARD, 1995, p. 29). Assim tanto o mestre quanto discípulo se relevam como o ensejo para que ambos cada um em primeira pessoa se compreendam a si mesmo.

Paulo Freire (1981) discute a partir da necessidade da conscientização dos indivíduos enquanto forma de construção de sua autenticidade no meio em que vivem, como possibilidade de rejeição a um mundo “feito” para enquadrá-los a um conjunto de normas e regras que visam a domesticação dos homens e mulheres desta sociedade, conceito similar encontramos desenvolvida na primeira parte da obra *A Doença para a Morte* do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard discutindo com Hegel pondera que o ato de existir enquanto ser da singularidade consiste em negar a condição de número, de rebanho ou de multidão preconizado pela sociedade.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Nesse contexto Kierkegaard e Paulo freire defendem a edificação de uma educação que permita ao individuo construir-se enquanto pessoa singular e capaz de engajar-se completamente nas questões relativas à existência autêntica sua e a do próximo, porque a compreensão é que não existe o si mesmo desvinculado da relação com o imediatamente tu e com a comunidade porque o homem é ao mesmo tempo como disserta na obra *O Conceito de Angústia*: “o homem é individuo e, como tal, ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de maneira que a humanidade participa toda inteira do individuo e o indivíduo participa todo do gênero humano” (KIERKEGAARD, 2010, p. 30).

A perfeição do homem não está no isolamento, na misantropia, no individualismo, mas no engajamento total nos dramas e nas misérias da existência humana, por isso sua perfeição consiste em participar completamente da totalidade. Mas como construir consciência da necessidade do engajamento e do compromisso com o próximo em uma educação que está comprometida com conteúdos, currículos e mercado de trabalho e não com a qualidade do educando que ela está formando? Como construir personalidades éticas nos educandos se os exemplos dos profissionais da educação não saem dos discursos e dos estereótipos dos artigos, livros e salas de aula?

Ao problematizarmos a questão educacional na sociedade em que vivemos, entendemos a necessidade de uma educação que deva constituir-se na possibilidade de construção da subjetividade enquanto singularidade dos discentes. Pretende-se pensar uma educação que possibilite superar a denuncia das estruturas desumanizantes existentes em nosso tempo histórico e envolver-se como protagonista no compromisso de construção de uma estrutura que humanize a singularidade do educando e do educador, reconhecendo a singularidade de cada pessoa.

Concordamos com Lima (2010) quando afirma em sua dissertação de mestrado *Kierkegaard e a educação da subjetividade: ironia e edificação*, que:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A educação deve superar o seu objetivo de enquadrar o indivíduo em uma forma de submissão aos interesses do sistema vigente em nossa época, e sim evidenciar a condição humana de ser livre exercendo a sua existência de forma autêntica e distanciada das formas, dos padrões morais e culturais de seu tempo histórico.(LIMA, 2010, p.24)

Em Kierkegaard a ética é por excelência uma ação educadora que tem por finalidade a concretização do comprometimento das pessoas com a transformação da condição humana. Na obra *As Migalhas Filosóficas* o filósofo dinamarquês explica que o processo de educação se constrói na relação dialética da descontinuidade entre mestre e discípulo. O mestre para Kierkegaard “é apenas a ocasião para o aprendiz” e o aprendiz a ocasião para o mestre. A relação não é abstrata, pelo contrário, porque perpassa um Eu e um Tu em situação existencial em que cada um precisa optar em existir autenticamente ou inautenticamente, em viver no estágio estético do prazer imediato e descomprometido, utilizando os outros como objetos do próprio prazer; ou opta em ser apenas um cidadão comprometido com os deveres do estado, da religião, da lei e torna-se prisioneiro da legalidade; ou radicaliza sua existência e arrisca tudo na singularidade ética em assumir a responsabilidade em primeira pessoa pelo bem de si e, sobretudo pelo bem do outro. A tarefa é então problematizar o saber para que o discípulo possa apreendê-lo a partir de sua própria problematização; apreender aqui significa internalizar e agir de acordo com o que se produza uma coerência entre o saber e a ação.

Desta forma a educação deve ter como móvel transformar a possibilidade de existir dos alunos em existência autêntica, ultrapassando o conceito de educação como formação, ou seja, adequação dos educandos a um conjunto de formas pré-estabelecidas.





ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha. (FREIRE, 1981, p.142)

Segundo Freire (1981) quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores, denunciadores e construtores, nos tornamos responsáveis pela colaboração direta da sociedade na qual existimos, efetivando a possibilidade kierkegaardiana de transformar as estruturas sociais a partir da própria transformação dos indivíduos em si mesmos. O que isto quer dizer? Transformar-se a si mesmo é internalizar a ética de modo que assumindo a tarefa ética de comprometer-se em cada ação até as entranhas de seu ser, de voltar-se para si próprio que ele concretiza a possibilidade de torna-se livre, mas tornar-se livre é tornar-se responsável pelo outro. Kierkegaard opera uma inversão da liberdade, ela nasce da responsabilidade e sem ser responsável não é possível ser livre, mas apenas agir com o livre arbítrio como um simples animal. É nesta responsabilidade que a liberdade se revela e onde ela só existe enquanto possibilidade “à medida que ele a produz na ação” (KIERKEGAARD 1995, p. 146). Se não houver altivez e ação contundente na realização de afirmar-se na tarefa de tornar-se singular o indivíduo permanecerá em uma perpétua subordinação a ordem estabelecida. Assim para transformar a existência é necessária uma compreensão de que singularidade, interioridade e ética são indissociáveis.

Em kierkegaard a ação de singularizar-se exige uma edificação. Aqui reside por excelência a tarefa da educação na perspectiva da subjetividade enquanto singularidade. O que há de mais característico numa edificação é o fundamento, isto é a base que sustenta a construção. E qual é a base? A ética. Acima de qualquer outra forma de conhecimento ou saber, a educação deve comprometer-se em tornar o educando e o educador éticos, pois somente no interior da ética é possível



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

superar a dialética do senhor e do escravo. Contudo, nem toda construção é edificante. Uma construção desprovida de alicerce profundo e firme, não é uma edificação, mas sim uma grande possibilidade de ruína. Erguer uma construção não é sinônimo de edificá-la. A grande questão na edificação é o seu fundamento. “Edificar, portanto é construir partindo dos fundamentos. Na sua significação imediata, “edificação” é a construção erguida a partir de uma base, de uma fundação” (PINZETA 2005, p.).

Uma educação para a subjetividade enquanto singularidade deve considerar os homens e mulheres como seres enquanto possibilidades, como pessoas inacabadas em um mundo da mesma forma inacabado, assim os educadores, professores ou mestres tendo tal consciência não se ungem com o poder do conhecimento, nem tão pouco entenderam os outros como refratários vazios a espera apenas de alguém que os encha, entendendo-se enquanto mestres e discípulo como ocasião para a construção do conhecimento.

## CONCLUSÕES

Educar em uma perspectiva verdadeiramente ética é essencialmente um processo de humanização para o indivíduo, assim dentro desta concepção é impossível uma educação imparcial, o educador deve posicionar diante da difícil tarefa de ser ao mesmo tempo mestre e aprendiz.

Para pensar uma educação que realmente tenha um compromisso efetivo com a ética e conseqüentemente com a transformação da sociedade que desumaniza diariamente o indivíduo em uma sociedade humanizada e humanizante. Dessa forma, é necessário pensar uma educação que tenha como objetivo maior a construção da autenticidade e conseqüentemente o desenvolvimento de uma consciência crítica, ética e política das pessoas, permitindo-lhes a compreensão da possibilidade que tem de modificar os rumos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

da sociedade e dessa forma criar cultura. Assim, é imprescindível uma práxis educacional que apresente aos educadores comprometidos com a liberdade das consciências, não uma estrutura fundamentada em uma compreensão das pessoas como seres vazios a que o mundo deva preencher de saberes e conteúdos. A prioridade não deve ser a técnica e a mecanização ou instrumentalização das informações transformadas em conhecimento, a prioridade deve ser primeiro a construção do caráter, isso significa, que não há exclusão, mas apenas a crítica que a educação brasileira fez opção apenas pela técnica, deixando o caráter e a formação da personalidade apenas como itens curriculares e que não é colocado em prática em praticamente nenhuma escola no Brasil.

Em meio ao processo de construção e efetivação da humanidade nas pessoas através da educação, este perpassa por um movimento de conscientização no qual os envolvidos desenvolvem a possibilidade de leitura de sua realidade através da valorização das experiências. Essa concepção de educação vai muito além de métodos de compreensão de dados, e sim na efetivação autêntica da existência de cada pessoa enquanto ser humano. Assim ela se apresenta como que impregnada de um dever de transformação social que se afirma como uma tarefa ética.

Buscar uma educação crítica, ética e edificante é buscar uma educação que em seu movimento permita a efetivação da singularidade dos indivíduos. Esta educação deve estar dentro da ética, não a ética do mercado, mas sim a ética da subjetividade e esta enquanto fundamento para a educação e no interior desta ação torna possível a edificação de um indivíduo liberto das amarras que aprisionam sua consciência e impedem a construção de sua humanidade. Assim educação como prática para a liberdade deve estar embasada na subjetividade enquanto edificação ética das pessoas para o ser autenticamente singular e responsável pelo processo de humanização seu e do mundo a sua volta.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Por isso os autores aqui tratados radicalizam ao criticar como um mecanismo perigoso a concepção de uma consciência compartimentada e inautêntica e desenvolvem em seus escritos a importância da compreensão dos indivíduos como pessoas singulares e capazes de problematizar e modificar a sua realidade, como sujeitos conscientes, históricos e dialeticamente engajados na construção de si mesmo e do meio em que estão inseridos. Para Kierkegaard, “Assim, minha conclusão nunca termina na existência, mas sim eu tiro conclusões a partir da existência [...]” (KIERKEGAARD, 2008, p.65), isto quer dizer que a existência não é determinada a sujeitos determinados, mas o lugar por excelência onde se decide tornar-se isso ou aquilo. Aqui, o decisivo é a escolha para realizar a ação de tornar-se ou não tornar-se. A partir da relação entre os dois pensadores é possível perceber que não se pode construir a humanidade das pessoas, se não for através de uma prática educativa fundamentada na ética. Dessa forma, somente a educação transformada em ética poderá construir o humano do homem e dessa forma o humano da humanidade e ainda dessa forma, uma humanidade mais humana e por isso capaz de viver em sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jorge Miranda. *Ética e Sentido: projeto de ética existencial a partir da superação da ontologia como filosofia primeira partindo da análise do conceito de ética na filosofia de Kierkegaard*. Tese de doutorado. Roma: Università Gregoriana, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ética e existência em Kierkegaard e Levinas*. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2009.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: 45ª ed. Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Política e Educacional*. São Paulo: 5ª ed. Cortez Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

- KIERKEGAARD, Soren. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2010.  
\_\_\_\_\_. *Migalhas Filosóficas*. Rio de Janeiro: 2<sup>a</sup> ed. Vozes, 2008.  
\_\_\_\_\_. *Opere*. Milano: Sansoni Editore, 1993.